

# Em tempos de Brasil Novo, na mesa a Nova República

## Antônio Carlos e Sarney festejam vitória nas urnas

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — “Se você quer ser discreto, vamos a Taguatinga. Mas, se for para escandalizar, vamos logo ao Florentino”, respondeu o Governador eleito da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, ao convite do ex-Presidente e Senador eleito pelo Amapá José Sarney, para comemorar com um jantar a aprovação que tiveram das urnas, depois de terem passado cinco anos juntos no Governo da Nova República.

Não foi, a rigor, uma comemoração, mas uma competição, na qual os dois disputaram prestígio, quarta-feira última, num dos mais badalados restaurantes de Brasília — o Floretino, freqüentado por políticos e empresários.

— Desculpe-me, Antônio. É que sou muito popular — justificou-se Sarney, na chegada, quando o assédio dos freqüentadores atrasou a conversa dos dois.

No restaurante, estavam o primeiro Ministro da Fazenda de Sarney, Deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ), e o último Ministro escolhido pelo Presidente Collor, Alcení Guerra, da Saúde. Nenhum dos dois foi à mesa de Sarney, por onde passaram, entre outros, o Líder em exercício do PRN na Câmara, Arnaldo Faria de Sá (SP), e o ex-Porta-Voz da Presidência Carlos Henrique.

— Brasileiras e brasileiros! — saudou um dos clientes, arremando:



No Florentino, Sarney e Antônio Carlos em noite de reminiscências

— Presidente, já estou sentindo saudades do seu Governo.

Depois do jantar, Sarney e Antônio Carlos confraternizaram-se, na casa de um amigo comum, no Lago Sul, com o Líder do PCB na Câmara, Roberto Freire (PE), pelo discurso feito horas antes da tribuna, propondo a reformulação da estrutura do chamado Partidão.

Freire reafirmou a Sarney seu reconhecimento pelo fato de ter patrocinado a legalização do PCB:

— Nós nunca tivemos tanta liberdade quanto no seu governo.

A Antônio Carlos, Freire avisou:

— Lá na Bahia, vai ser grande a oposição das esquerdas ao seu Governo.

— Mas eu quis fazer uma aliança, eles é que não quiseram — desdedonhou o Governador eleito.

— Não tem jeito. Lá é pau mesmo — respondeu Freire.

Eufórico com a eleição, Antônio Carlos comentou que sua bancada, somada à de Sarney, é “muito mais forte que a do Quêrcia”. Disposto a apoiar Collor, Antônio Carlos apontou alguns problemas:

— Nós temos Presidente mas não temos governo.

O Governador eleito acha que Collor deveria se dedicar mais à articulação política:

— Pelo menos 48 horas por semana. Isso não pode ser encarado como perda de tempo.

Em dia de reminiscências, ACM preferiu falar mais do passado do que do presente. Revelou fatos e contou casos, alguns corrigidos pelo principal personagem das histórias, o próprio Sarney. Antônio Carlos lembrou que estava com Sarney quando ele foi ao encontro de Tancredo acertar a participação na chapa como candidato a Vice-Presidente. Segundo Antônio Carlos, antes de sair, Sarney olhou o relógio e brincou:

— Deixe eu ir correndo, se não perco essa Vice.

— Isso é maldade dele. Não aconteceu nada disso — replicou Sarney.

O ex-Presidente contou sua versão sobre a articulação que resultou no fim do regime militar. A cada caso, fazia uma observação: “Isto está no meu livro”, referindo-se às memórias que escreve. Depois de Antônio Carlos ter confidenciado que fora escolhido Ministro no mesmo dia em que Tancredo fora indicado candidato a Presidente na Convenção do PMDB, Sarney contou outro detalhe do fim do regime militar:

— Dias antes de deixar o Governo de Minas, Tancredo me convidou para jantar em Belo Horizonte e me fez um apelo: “Só serei candidato a Presidente se você for meu Vice”. Eu disse a Tancredo que ainda estava marcado como Presidente do PDS, mas ele insistiu: “Você tem o mapa do colégio eleitoral e isso é que importa”.

Sarney encerrou a primeira passagem pela noite de Brasília, de volta como Senador eleito, lamentando o triste destino a que levaram o PMDB os dirigentes do partido que romperam com seu Governo.